

Do lazer canônico ao desviante: tipologia e níveis de tolerância¹

From the canonical leisure to the deviant: typology and tolerance levels

Alexandre Paulo Loro²

Giuliano Gomes Assis de Pimentel³

Rui Machado Gomes⁴

Resumo

O objetivo desse estudo é identificar o grau de tolerância em relação a determinadas práticas potencialmente desviantes na cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. A região de fronteira despertou questionamentos em relação aos níveis de tolerância, que serviram como referenciais para a reflexão sobre o lazer canônico e o lazer desviante. O procedimento metodológico consistiu na aplicação de um questionário virtual composto por perguntas fechadas e abertas, respondidas por estudantes do ensino superior. Os resultados trazem à superfície parte de uma realidade que apresentam

¹ A pesquisa não contou com nenhum tipo de fontes de financiamento.

² Pós-doutor pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), com estágio Sanduíche no Departamento de Educação Física e Esportes da Universidade de Valência - Espanha. Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), com Estágio Sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC) - Portugal. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciatura Plena em Educação Física (UFSM). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul (Campus Chapecó-SC), Curso de Pedagogia; Professor Credenciado como Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), Curso de Mestrado (Campus Erechim-RS)

³ Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá na Graduação (Licenciatura e Bacharelado) e no Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Educação Física (Mestrado e Doutorado). Coordena o GEL - Grupo de Estudos do Lazer (2000). Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (1996), Mestre (1999) e Doutor (2006) em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Possui PósPhD pela Universidade de Coimbra e Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, além de estágio sênior (2015) na Universidade de Munster, Alemanha

⁴ Professor catedrático e investigador do CES da Universidade de Coimbra. Tem investigado temas das áreas da educação e das políticas educativas, incluindo a análise dos processos de mobilidade acadêmica e de emigração qualificada. Além de outros trabalhos nos domínios da Educação e dos Estudos Culturais, publicou O governo da educação em Portugal (2005), Olhares sobre o lazer (2007) e O corpo e a política da vida (2009).

Interfaces da Educ., Paranaíba, v.11, n.31, p. 307 - 328, 2020

elementos para a análise da existência de diferentes fluxos de tolerância, que oscila entre o lazer canônico e o lazer desviante. Os significados do lazer vislumbram uma base preliminar para colocar o tema sob tensão na sociedade atual.

Palavras-Chave: Lazer Desviante. Lazer Canônico. Níveis de tolerância.

Abstract

The objective of this study is to identify the degree of tolerance in relation to certain potentially deviant practices in the border city of Foz do Iguaçu, Paraná, Brazil. The border region has raised questions about the tolerance levels, which serve as references for reflection on canonical leisure and deviant leisure. The methodological procedure consisted in the application of a virtual questionnaire composed of closed and open questions, answered by higher education students. The results bring to the surface part of a reality which present elements for the analysis of the existence of different flows of tolerance, that oscillates between canonical leisure and deviant leisure. The meanings of leisure envision a preliminary basis for putting the subject under tension in today's society.

Keywords: Leisure Deviant. Canonical leisure. Tolerance levels.

Introdução

Nas práticas de lazer desenha-se o sistema de relações reguladas, designadas enquanto tempos socialmente condicionados, cuja liberdade e flexibilidade existem em relação a determinados contextos. Isso quer dizer que toda e qualquer atividade de lazer estabelece relações sociais complexas, que envolvem tensões entre interesses e agentes com posições que, por vezes, são bastante paradoxais. A vida social e o desenvolvimento de comportamentos dos indivíduos são dirigidos pelas normas emanadas de determinadas estruturas e discursos, que influenciam no ensino-aprendizagem e na interiorização de normas, valores e elementos socioculturais, integrados à estrutura da personalidade dos indivíduos.

Nessa conjuntura a educação para o lazer apresenta faces complexas, exigindo reavaliação crítica, em uma perspectiva sociológica capaz de proporcionar redirecionamento do olhar, deslocando o seu entendimento em sentido restrito, para um contexto mais amplo em que ele é produzido, reproduzido e praticado. Ante o exposto, a localização político-geográfica da região da tríplice fronteira internacional (Brasil-Paraguai-Argentina) despertou questionamentos em relação aos níveis de tolerância de determinadas práticas, que serviram como referenciais para a reflexão sobre o lazer canônico e o lazer desviante, nem sempre explicitados, embora possam transmitir outra impressão.

Os estudos do lazer desviante são incipientes, mas as suas práticas não são nenhuma novidade –, novas práticas de lazer estão sempre a surgir. No contexto brasileiro, Pimentel (2010a; 2010b) têm questionado a interpelação clássica (e falsa) do lazer ser correspondente ao prazer; e o lúdico, ser algo puro e bom, uma vez que condutas absurdas e improváveis podem ser lúdicas e serem escolhidas como opção de lazer. Isso, todavia, não significa que a sociedade aceite qualquer prática como lúdica e a chame de lazer. Determinar quais são as práticas corporais consideradas virtuosas para serem vivenciadas e quem são os beneficiários do tempo livre é resultado de disputa generalizada, não por causa de gostos individuais, mas motivada por interesses antagônicos de diferentes grupos sociais. Em outras palavras, o lúdico pode se manifestar com vitalismo descontrolado e, assim, impossível de ser assimilado em apenas uma faceta da vida ou de adotar um sentido funcionalista (PIMENTEL, 2010b). Conseqüentemente, o lúdico, no lazer, pode assumir diferentes possibilidades, incluindo revelar-se sociojuridicamente desviante, à medida que os sujeitos se deslocam em outra direção.

Ao considerar o problema descrito, objetiva-se com o presente estudo, portanto, identificar o grau de tolerância em relação a determinadas práticas potencialmente desviantes de lazer na cidade fronteira de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. A criação de novas práticas e, concomitantemente, de novas narrativas individuais na busca da satisfação do desejo, por vezes, são consideradas perversas pelos não-praticantes e, em algumas situações, o excesso e o obsceno são ofensivos ou até mesmo proibidos. A falta de clareza

quanto ao processo de classificação de determinadas ações humanas resulta na aceitação e naturalização ou perplexidade e rejeição (ELIZALDE; GOMES, 2014). Compete aos estudiosos do lazer, destarte, rever constantemente o entendimento social sobre esse objeto de estudo.

1. Teorias de base relacionadas ao lazer desviante

No difícil exercício de convívio social determinadas práticas de lazer podem ser aceitas, mas em outros grupos poderão não ter a mesma conotação. Em função de uma visão ortodoxa os estudos do lazer tendem a acentuar apenas o lado positivo da experiência, entretanto “[...] o relaxamento de regras e inibições associadas às várias formas de lazer é um sinal de que há um processo eletivo entre o lazer e uma atividade desviante” (COSTA; UVINHA, 2010, p. 147).

Na ruptura da conformidade/regularidade o desvio é considerado um comportamento disfuncional em relação ao grupo (LAKATOS; MARCONI, 2010); não raro, associado à dimensão “demonizada” e maléfica que lhe tem sido associada sistematicamente: violência, insegurança e medo; sendo necessário, portanto, relativizar os julgamentos morais (BECKER, 2008). Em outras palavras, Parker (1978) menciona que o “lazer quadrado” (lazer canônico) e o “lazer transgressor” (desviante) tem relação entre a fuga do convencional e a busca da identidade, aspectos que implicam entre as escolhas de lazer e as necessidades de o indivíduo conformar-se ou rebelar-se contra os hábitos sociais convencionais.

Há que se considerar que o lazer desviante pode decorrer da motivação subjetiva e realizada individualmente e/ou decorrente da articulação grupal – , os sujeitos não apenas recorrem às práticas desviantes de lazer, mas também se vinculam às comunidades de lazer desviante, caso considerada a problemática da frequência e recorrência desse estilo de vida.

No sentido proposto por Pais e Blass (2004), os indivíduos integram-se a grupos de referência mais próximos dos seus ideais, distanciando-se de determinados padrões de comportamento aceitos socialmente. A emergência destas formações sociais decorre de algum tipo de reagrupamento, entre quem

procura uma proximidade com outros que lhe são semelhantes, estabelecendo vínculos identitários.

Para Estanque (2008) as subjetividades juvenis são marcadas pela construção da juventude como categoria social e as recentes tendências de incerteza e imprevisibilidade, bem como as experiências e vivências dos jovens universitários; marcam, também, alguns setores minoritários de estudantes, associadas à boemia e que decorrem, sobretudo, da esfera informal do cotidiano. O variado conjunto de atitudes, práticas e orientações subjetivas dos estudantes perante a universidade levou o autor a analisar as manifestações da “praxe acadêmica” e a “Latada” na Universidade de Coimbra - Portugal, local da tradicional festa universitária que acontece todo início de semestre letivo (outubro), composta por vários dias de festa de recepção aos novos acadêmicos, que envolvem cortejos, serenatas e shows; e a “Queima das Fitas”, semana festiva que acontece todos os anos (maio), que consiste em um ato simbólico, cujo significado assenta no término do curso, solenidade da última jornada universitária. Em ambas as festas percebe-se como uma universidade secular, de tradição ritualista e reprodutora de hierarquias, convive com formas de conduta e modos de vida marcados pela rebeldia e sentido transgressivo dos seus estudantes. Isto quer dizer que a ação reguladora pode dar lugar a novas formas de expressão que não são meramente adaptativas em face dos mecanismos institucionais, subvertendo muitas vezes os objetivos de integração.

Os estudos de Estanque (1995, 2005) também analisaram o contexto das práticas recreativas das classes populares, mais especificamente em relação às suas culturas, que têm dado provas de resistência à assimilação da ideologia da classe média, enfatizando que somente em parte o capitalismo conseguiu “civilizar” as ocupações de lazer do mundo operário. O referido autor afirma que as tendências contraditórias de adaptação e resistência das práticas recreativas centram-se nos lazeres populares e nas práticas recreativas das classes subordinadas, captando a transformação a partir dos efeitos contrários que derivam, por um lado, das tendências reguladoras e homogeneizantes e, por outro, das práticas culturais de resistência.

Os diferentes modelos de uso e estilo de vida dos principais segmentos sociais sugerem que a diversidade de formas em que se multiplicam os usos do lazer, pelos lugares, temporalidades e diferentes vivências, torna-se, por vezes, difícil proceder classificações. A tipologia do lazer abordada nesse artigo (canônico e desviante) está alicerçada, portanto, na abordagem proposta por Rojek (1995, 1999), que enfatiza a necessidade de observar o lazer no meio de produção industrial e no trabalho assalariado. Os caminhos traçados pelo autor apresentam aspectos das relações de trabalho idealizadas daqueles que estão excluídos, por estarem momentaneamente impossibilitados de trabalhar. Apesar de tal condição, estes buscam, por meio da produção independente, o acesso ao mesmo lazer daqueles que produzem, por meio de mecanismos compreendidos como comuns à sociedade. Neste espaço de acontecimentos, inserem-se e também manifestam novas possibilidades de vivenciar o lazer. A inadequação social é propícia para o surgimento de manifestações de uma classe de lazer não-usual, que traz consigo algumas implicações. Uma delas é a autonomia em relação ao meio de produção, que aparenta ter incorporado possibilidades de lazeres também mais autônomos, pois tradicionalmente o trabalho ocorre em contextos de vigilância, ao contrário do lazer (onde o controle é menor), embora no tempo presente o grau de variação dessas características oscile.

Destarte, o lazer desviante é um fenômeno sociocultural impulsionado na mudança social e regulado a partir do uso do poder. Quando não se acomoda à ordem vigente e foge aos padrões ético-estéticos dominantes, englobando o impulso lúdico pelo inusitado, poderá conter aspectos bizarros. Nesse sentido, identificamos no contexto global exemplos ilustrativos: corrida de cortadores de grama (EUA): são retiradas as lâminas dos cortadores de grama, os participantes sentam em cima da máquina e a pilotam; regata de abóboras gigantes (Canadá): os participantes retiram o miolo de uma gigantesca abóbora, que servirá como barco para navegar; boxe xadrez (Alemanha): uma mistura das duas modalidades, com *rounds* de boxe, alternados com *rounds* de xadrez; escalada de pães (Hong Kong): várias pessoas escalam uma torre e tentam coletar o maior número possível de pães ao longo do caminho; polo de elefantes (Nepal): semelhante ao polo com

cavalos, somente que os participantes montam em elefantes; carregamento de esposas (Finlândia): os maridos carregam as suas esposas em um percurso determinado, quem chegar primeiro, vence; Buzkashi (Afeganistão e Quirguistão): uma espécie de polo, que usa uma carcaça de animal no lugar da bola e, no lugar dos tacos, o jogador pega a carcaça com a mão e joga para o gol; rolamento de queijo (Inglaterra): um queijo redondo rola ladeira abaixo e os participantes correm atrás na tentativa de agarrar o queijo para cruzar a linha de chegada; sexo imaginário (Japão): homens simulam sexo com uma parceira invisível.

As práticas de lazer, ao serem compreendidas no interior de determinada tempo e sociedade, permite-nos identificar movimentos de transição – do aceitável para o inaceitável no lazer (e vice-versa), seja na interação com seres humanos ou animais. Por exemplo, as touradas, entretenimento tradicional secular nos países de colonização espanhola, têm enfrentado resistência em algumas localidades do mundo diante dos inúmeros protestos de ativistas (em específico, na Colômbia).

No contexto brasileiro, as touradas não são permitidas, mas ocorre uma prática que se assemelha a elas e que pode levar o animal à exaustão e/ou morte – a “farra do boi”, legado de tradição portuguesa definida como ilícita no Brasil desde 1998, embora ainda recorrente no litoral catarinense. Podemos, ainda, citar nesse conjunto as “rinhas de galo” e a prática de “soltar balão de fogo”, lazeres outrora permitidos, atualmente criminalizados no país.

Outro exemplo ilustrativo do contexto brasileiro é a dança. É aceitável socialmente dançar publicamente, entretanto, essa mesma prática pode não ser admissível em outros países. Recentemente repercutiu na imprensa internacional um fato ocorrido na China, no qual homens e mulheres aposentados se reuniam para dançar em praça pública, provocando irritação da vizinhança. Diante do fato, o governo chinês passou a regular as danças públicas e a impor a visão governamental sobre o que é definido como cultura popular. Ainda, na China, pesquisar determinados termos em plataformas de busca na internet também pode ser censurada ou direcionada automaticamente para *sites* equivalentes. O controle do conteúdo em circulação cria uma barreira de proteção ao bloquear o acesso aos conteúdos

considerados indesejados. Nesses dois casos, as práticas e os conteúdos são regulados a partir de formas de controle do uso do corpo e controle em geral.

Se, por um lado, algumas práticas de lazer canônico tornam-se desviantes, por outro, fenômeno inverso pode ocorrer –, práticas de lazer outrora marginalizadas podem tornarem-se aceitáveis. Por exemplo, o *Skate* passou da marginalização à ascensão no Brasil, hoje é esporte e conteúdo da Educação Física Escolar, gerando modificação nas representações. Seguindo a mesma linha de raciocínio, também pode-se mencionar as mudanças ocorridas em relação ao significado e uso dos jericos em uma cidade interiorana do Estado do Paraná: Serranópolis do Iguaçu-PR. Em um evento típico, ocorre uma prova denominada “Arrancadão de Jericos”, envolvendo veículos automotores, outrora usados apenas nos trabalhos da lavoura, e que passam a ser utilizados em competições de corridas como uma opção de lazer.

2. Procedimentos Metodológicos

Como instrumento de pesquisa foi elaborado um questionário virtual composto por perguntas fechadas e abertas. A divulgação aconteceu por meio das redes sociais, por meio do *site* de uma universidade pública. Buscava-se, dessa forma, saber se os objetos eram muitos ou não, além de averiguar as normas, os mecanismos de autogoverno e o nível de censura social.

Como havia dúvidas em relação à participação da população, pois as perguntas poderiam provocar inibição, deixando-a receosa ou, ainda, pensar que estivesse sendo monitorada, optou-se pela utilização de uma ferramenta virtual, e por considerar que as tecnologias e o acesso à internet são populares. O questionário alcançou uma amostra de trinta e três pessoas, público constituído por estudantes do Ensino Superior.

3. Resultados

As primeiras questões diziam respeito ao perfil sociodemográfico dos participantes e obtivemos os seguintes resultados: 39% dos participantes são do sexo feminino e 61% do sexo masculino; 82% são de nacionalidade brasileira e 18% de outros países do Mercosul; 70% cursaram o Ensino

Superior completo e 30% têm o Ensino Superior incompleto; 94% residem na zona urbana e 6% na zona rural.

As perguntas fechadas foram estruturadas a partir de um gradiente decrescente: muito tolerante; tolerante; pouco tolerante; nada tolerante, deixando por última uma resposta neutra: não sabe. As categorias consistiram nas seguintes práticas: 1) Consumir substâncias ilegais para fins recreativos; 2) Fumar narguilé com substâncias, senão o tabaco; 3) Participar em festas “*raves*”; 4) Ingerir bebidas alcoólicas; 5) Beber em bancos e jardins privados; 6) Apropriar-se de algo para divertir-se; 7) Ouvir música alta na madrugada; 8) Fazer pichação; 9) Participar de racha automotivo; 10) Surfar nos meios de transporte; 11) Frequentar casas de shows eróticos; 12) Participar de grupos de swing; 13) Participar de clubes de luta; 14) Soltar balão de fogo; 15) Jogar no cassino; 16) Jogar no Bicho; 17) Jogos que envolvem disputas e apostas com animais; 18) Caçar animais silvestres; 19) Uso de armas de fogo; 20) Pescar em área protegida; 21) Saltar no rio de cima de uma ponte; e 22) Banhar-se nos rios em área protegida ou proibida.

A primeira categoria “consumo de substâncias ilegais para fins recreativos” (gráfico 01) é uma prática muito tolerada (18%); tolerada (37%); e pouco tolerada (15%) – números expressivos. Há que se considerar o fácil acesso a essas substâncias na região de fronteira. Um percentual de 30% dos participantes afirmou ser nada tolerante. Os números são muito próximos, quando comparados com as substâncias utilizadas no “narguilé, senão o tabaco” (gráfico 02).

Gráfico 01 – Substâncias ilegais (fins recreativos)

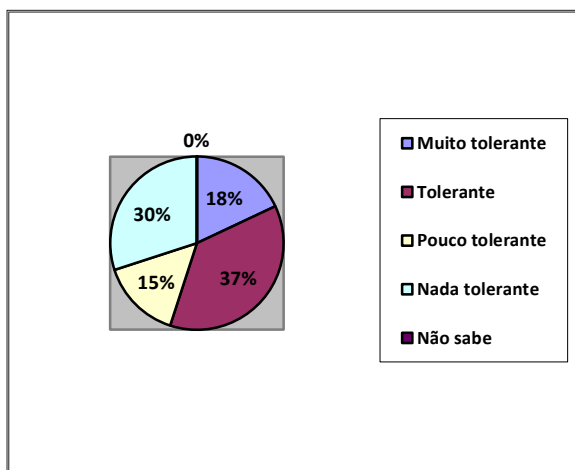
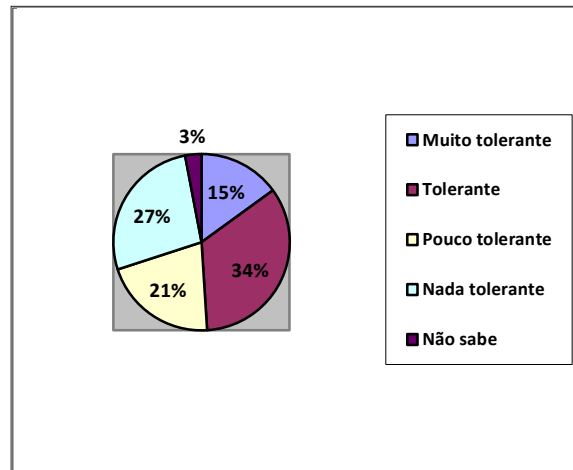


Gráfico 02 – Fumar narguilé com substancias ilícitas



Na região de Foz do Iguaçu as festas *raves* são frequentes e reúnem um público principalmente jovem. As festas acontecem geralmente longe dos centros urbanos, em sítios ou galpões, animadas com música eletrônica. Além de agregar DJs e artistas (plásticos, visuais e performáticos) reúnem um público consumidor potencial de drogas e álcool em excesso. Sobre a questão “participar em festas *raves*” (gráfico 03), 24% dos indivíduos toleram muito essa prática; 28% toleram; e 18% toleram pouco. Já o “consumo de bebidas alcoólicas” (gráfico 04), lícito no país, representou ser uma prática pouco tolerada: 18%; e nada tolerada: 6%.

Gráfico 03 – Participar em festas “raves”

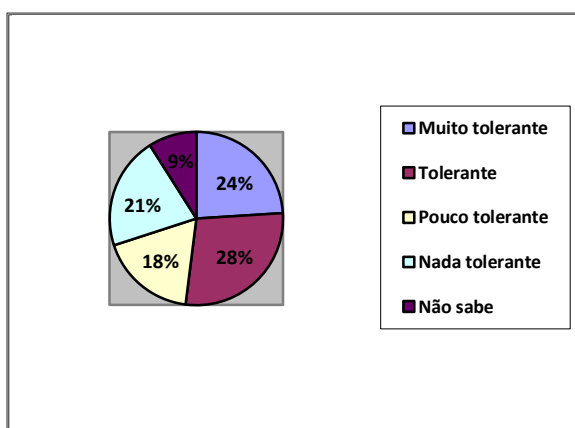
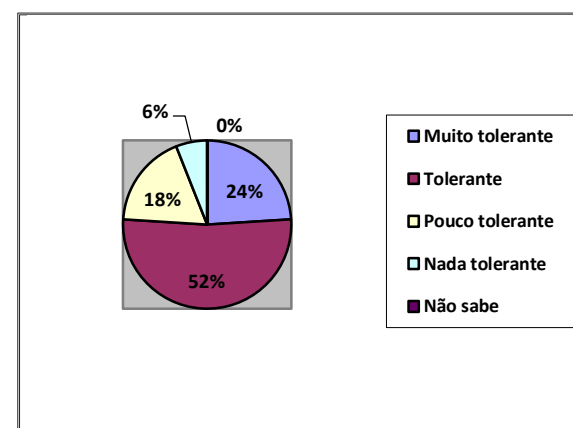


Gráfico 04 – Ingerir bebidas alcoólicas



Ingerir bebidas alcoólicas é algo tolerado ou muito tolerado (somam total de 76%). Entretanto, quando o consumo de bebidas alcoólicas ocorre em espaços “privados” (gráfico 05), como escadarias de edificações, bancos e

jardins, o percentual decresce, correspondendo a 9% daqueles que toleram muito essa atitude; 24% toleram; e 18% toleram pouco. Importante observar que a “apropriação daquilo que é alheio para divertir-se”, embora apareça como algo nada tolerante para com 91% (gráfico 06), contradiz com os o gráfico anterior, pois beber em bancos e jardins privados é uma forma de apropriação alheia.

Gráfico 05 – Beber em bancos e jardins privados

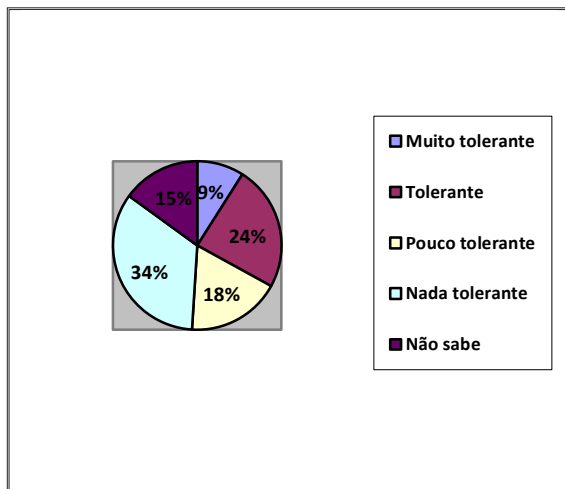
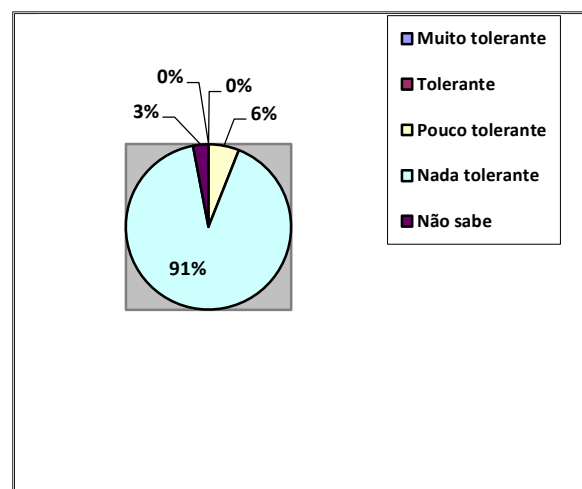


Gráfico 06 – Apropriar-se de algo para divertir-se



A “participação de racha automotivo” (gráfico 07), uma prática ocasional na maioria das vezes, é majoritariamente nada tolerada (91%), assim como “surfear nos meios de transporte” (61%) (gráfico 08), prática que consiste em manter o equilíbrio sobre um veículo em movimento, geralmente caminhão ou ônibus: 18% dos participantes não sabem e 9% toleram.

Gráfico 07 – Participar de racha automotivo

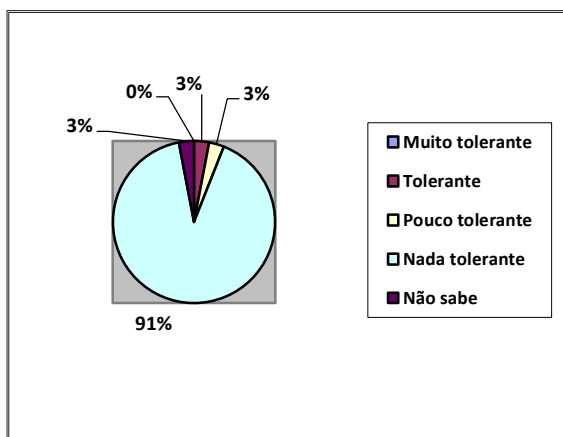
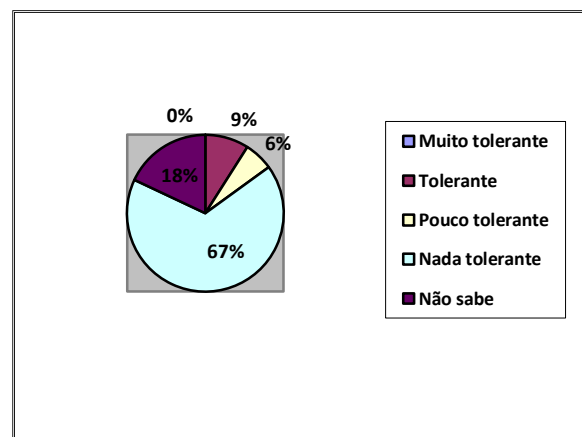


Gráfico 08 – Surfear nos meios de transporte



“Ouvir música alta na madrugada” (gráfico 09) pode gerar desconforto e reclamação da vizinhança. Mais da metade das respostas vai ao encontro dessa premissa: 55% compreendem como algo nada tolerante; 33% são pouco tolerantes; e 8% toleram. Em relação à “pichação” (gráfico 10), criminalizada no Brasil, menos da metade tolera muito (49%); 30% toleram; 12% toleram pouco; 7% são muito tolerantes; e 2% não sabem.

Gráfico 09 – Ouvir música alta na madrugada

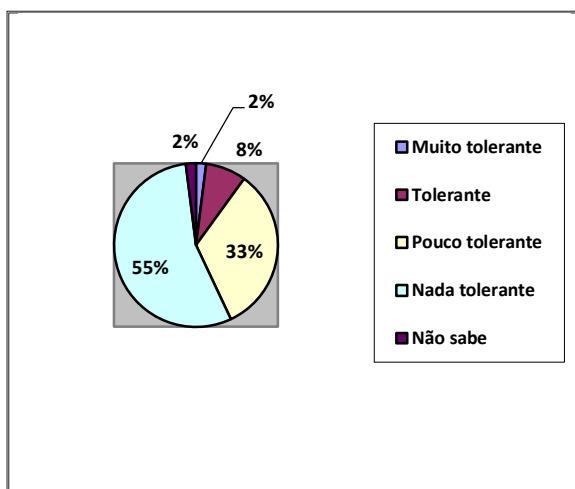
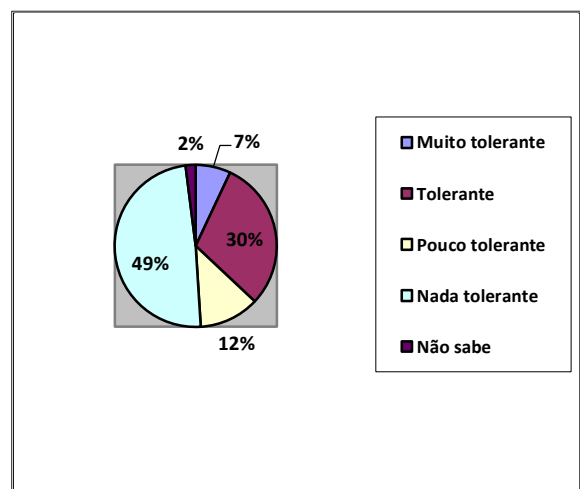


Gráfico 10 – Fazer pichação



As atividades de lazer que envolvem o pornolazer, como “frequentar casas de shows eróticos” (gráfico 11) e a “participação de grupos de *swing*” (gráfico 12) apresentaram-se com maior grau de tolerância. Na primeira situação, apenas 24% são nada tolerantes em relação a essa prática, enquanto os demais têm algum grau de tolerância ou não sabem; na segunda situação, apenas 27% são nada tolerantes, enquanto os demais possuem algum grau de tolerância ou não sabem.

Gráfico 11 – Frequentar casas de shows eróticos

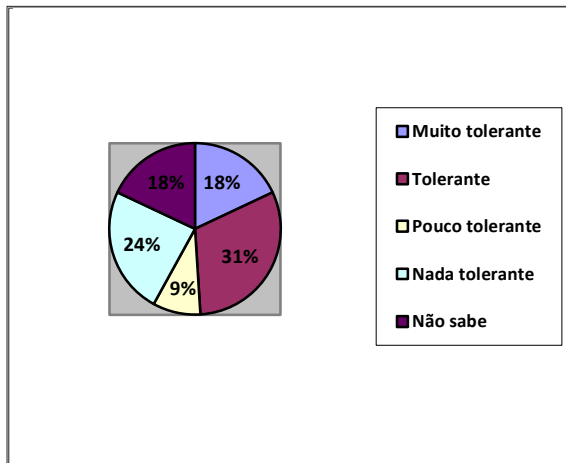
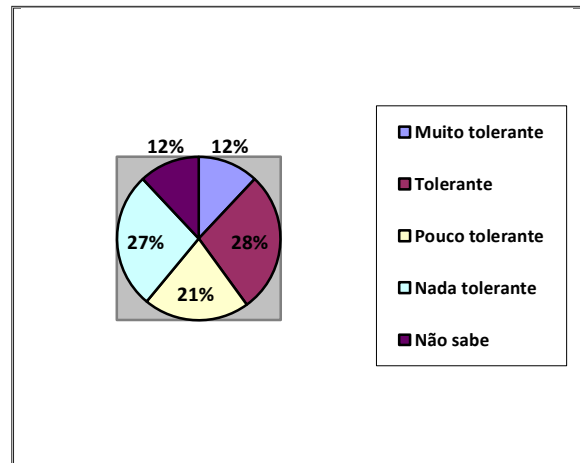


Gráfico 12 – Participar de grupos de *swing*



“Participar de clubes de luta” (gráfico 13), atividade que ocorre em arenas que funcionam clandestinamente, envolvendo apostas, é uma prática nada tolerada (43%); ou pouco tolerada (24%); não sabem (18%); toleram (12%); e tolera muito (3%). Em relação a “soltar balão de fogo” (gráfico 14), uma prática popular que foi criminalizada (caracterizada como crime culposos, que se enquadra na Lei 9605/98 de Crimes Ambientais – artigo 42), é uma prática nada tolerada (79%).

Gráfico 13 – Participar de clubes de luta

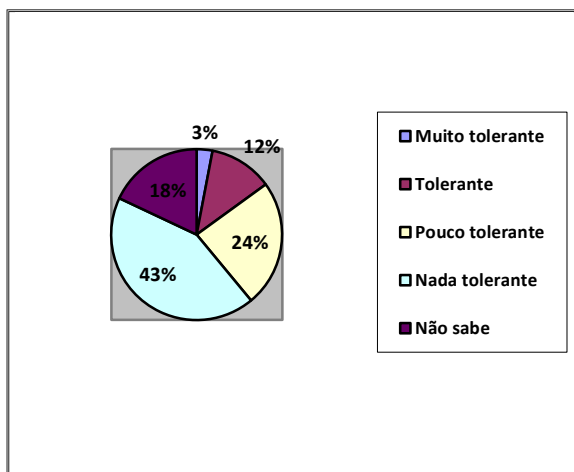
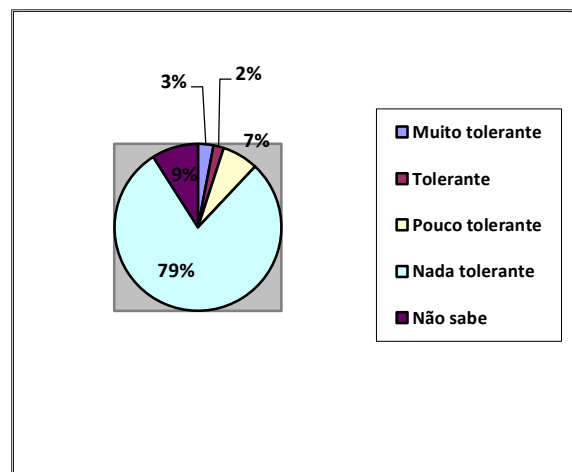


Gráfico 14 – Soltar balão de fogo



Quando o assunto tratado são os “jogos de cassino (no exterior, em casas oficiais)”, observa-se que os participantes são tolerantes ou muito tolerantes (total de 73%); 12% são pouco tolerantes; 3% nada tolerantes; e 12% não sabem (gráfico 15). Esses jogos são acessíveis e regulamentados na

Argentina e Paraguai. Contraditoriamente, o “jogo do bicho”, proibido no Brasil, tem grande aceitação social: 40% toleram; 15% toleram muito; e 21% não sabem; enquanto que 18% são pouco tolerantes; e 6% são nada tolerantes (gráfico 16).

Gráfico 15 – Jogar no cassino

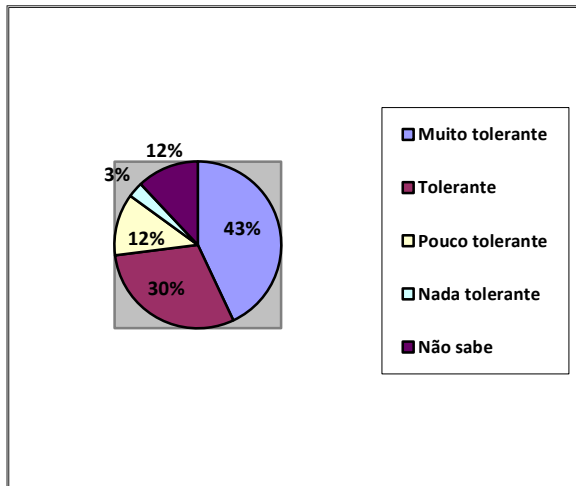
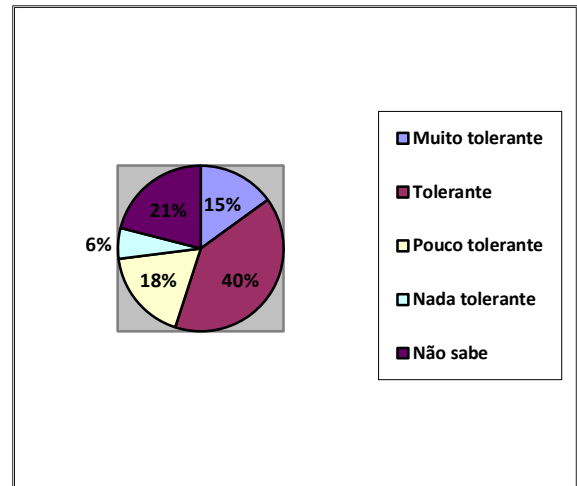


Gráfico 16 – Jogar no Bicho



Ainda, em relação aos “jogos”, os participantes demonstraram ser pouco ou nada tolerantes (total de 91%) em relação àqueles “jogos que envolvem disputas e apostas com animais”, como a “rinha de galo” ou “briga de cães”, por exemplo; 7% não sabem e 2% toleram (gráfico 17). Quando o tema tratado era “caçar animais silvestres em área protegidas”, 94% são nada tolerantes em relação a essa prática; 3% são pouco tolerantes; e 3% não sabem (gráfico 18).

Gráfico 17 – Disputas e apostas com animais

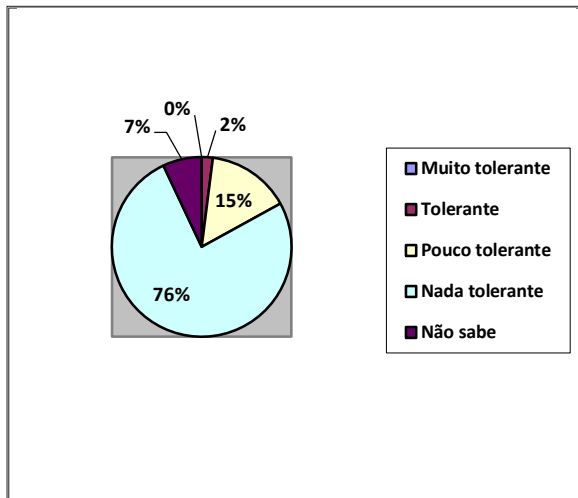
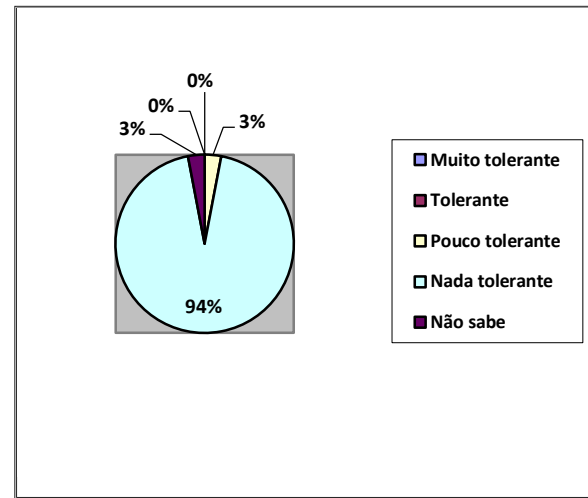


Gráfico 18 – Caçar animais silvestres



As forças armadas têm realizado inúmeras operações especiais, muitas delas conjuntas em parceria com os institutos de proteção/conservação ambiental. Dentre os objetivos está o combate à pesca e à caça no interior dos parques. Somam esforços a Polícia Ambiental em parceria com o Ministério Público e instituições de preservação na tentativa de resolver o problema, contudo a caça dentro do Parque Nacional do Iguaçu é uma atividade tradicional. Durante a década de 1960 e início de 1970, as matas do Parque Nacional do Iguaçu ocupavam a área localizada ao longo da estrada das Cataratas (em direção à cidade). Essa configuração de área nativa tornou-se, para muitos, um espaço privilegiado para caçadas, pois as autoridades não conseguiam controlá-la, em função das grandes dimensões. Assim, “uma das atividades de lazer praticada pela população, em geral masculina, era a caçada nas matas virgens do Parque Nacional do Iguaçu, nos fins de semana e nos dias de folga” (CATTA, 2002, p. 45).

O “uso de arma de fogo como prática recreativa”, que não se limita apenas às caçadas, pois pode também ser utilizada em clubes de tiro, demonstrou-se como uma prática nada tolerada (67%) e pouco tolerada (18%). Chama atenção a soma daqueles que não sabem, dos que toleram e são muito tolerantes: 15% (gráfico 19). Embora a pescaria seja uma prática intensa em uma região com inúmeros rios e afluentes, ela é nada tolerada (88%) ou pouco tolerada (6%) quando ocorre em área ambiental protegida (gráfico 20).

Gráfico 19 – Uso de armas de fogo

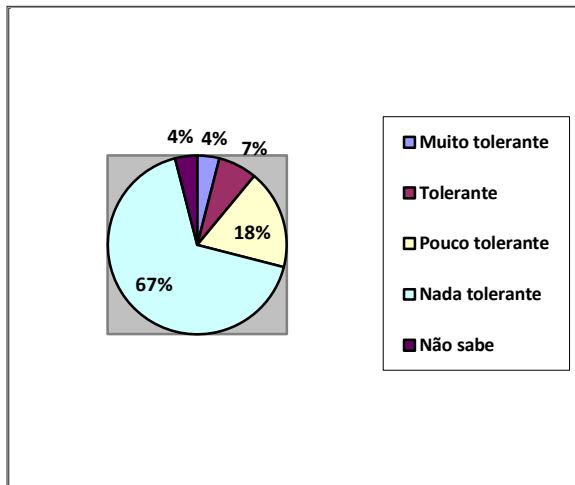
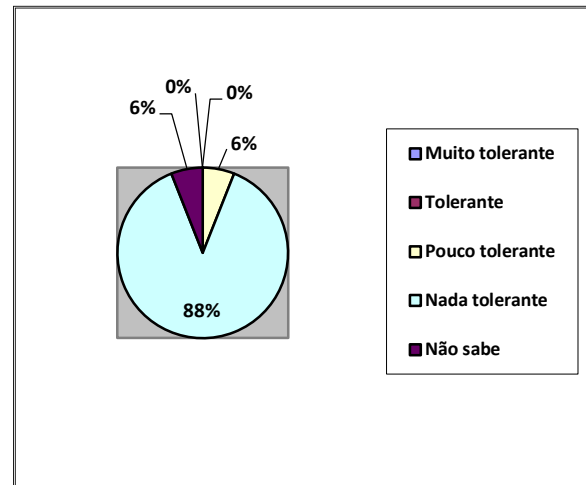


Gráfico 20 – Pescar em área protegida



No gráfico 21 constata-se que “saltar no rio de cima de uma ponte” pode ser uma prática relativamente aceitável para quase metade dos participantes: para 28% essa é uma prática pouco tolerada; para 16% é tolerada e para 3% é muito tolerada. Em relação ao assunto: “banhar-se nos rios em área protegida ou proibida” (gráfico 22) quase a metade do grupo considera essa prática nada tolerante (46%) e um pouco mais da outra metade tolera pouco (30%); 21% toleram; e 3% não sabem.

Gráfico 21 – Saltar no rio de cima de uma ponte

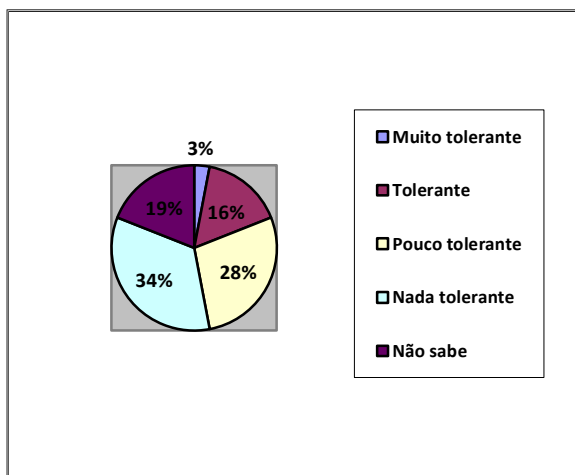
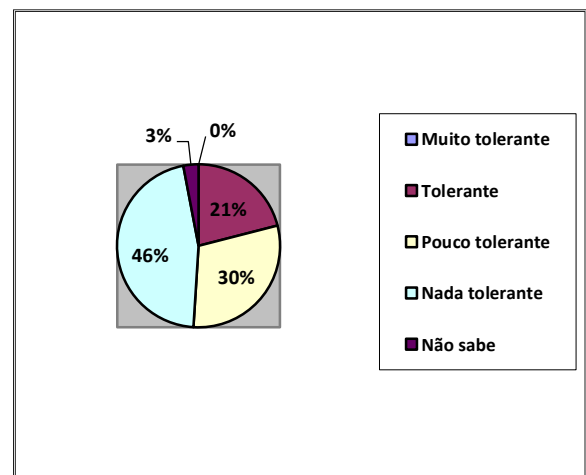


Gráfico 22 – Banhar-se nos rios em área protegida



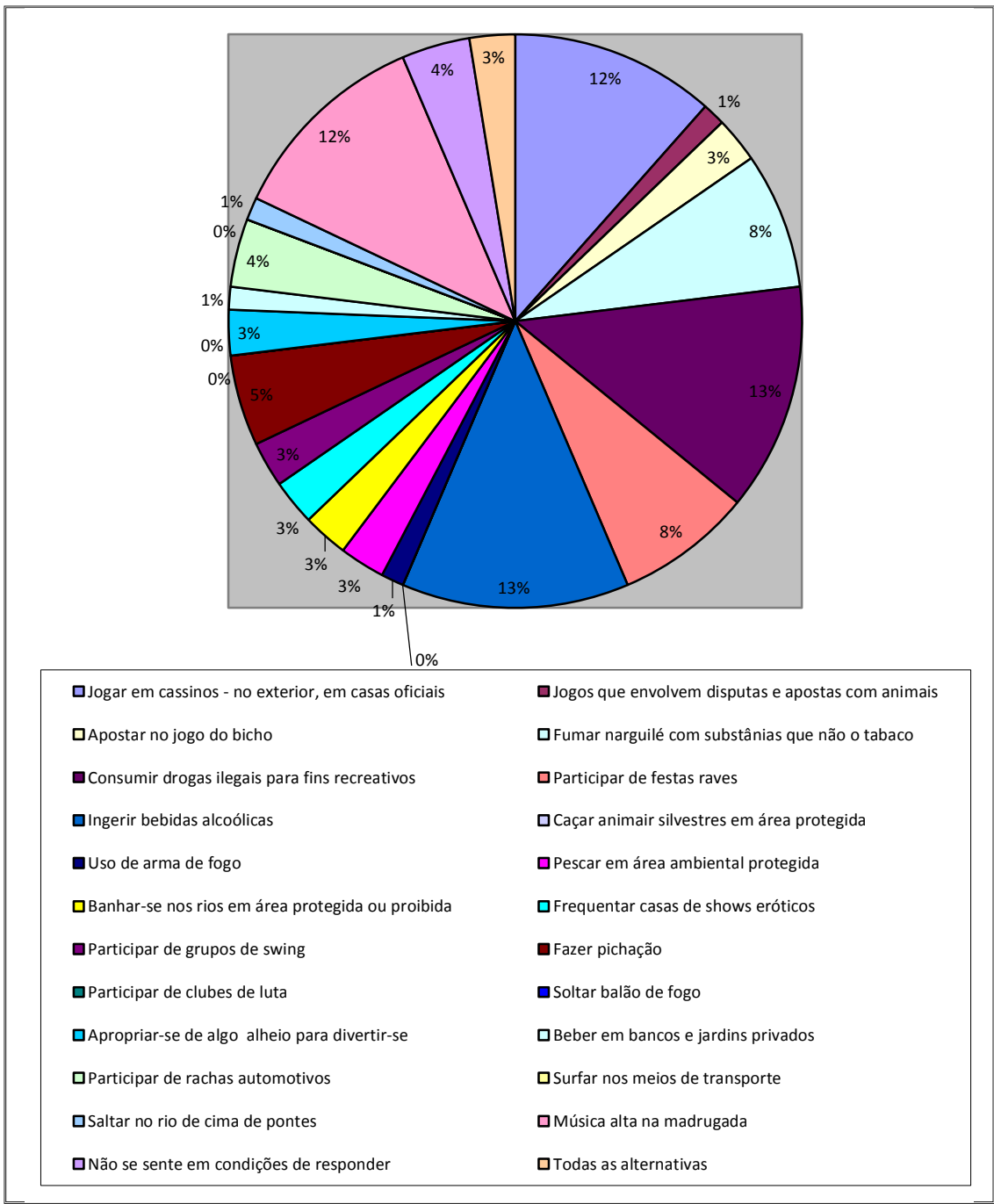
Algumas perguntas abertas possibilitavam a manifestação dos participantes sobre a temática. A primeira delas indagava sobre quais das práticas mencionadas no questionário fechado eram mais corriqueiras na região de fronteira (gráfico 23). Constatamos que emergiu, em maior escala, o

consumo de bebidas alcoólicas (13%) e as drogas ilegais para fins recreativos (13%), o jogo em cassinos no exterior (12%); ouvir música alta na madrugada (12%); e a participação em festas *raves* (8%).

Quando o assunto é “surfar” nos meios de transportes, soltar balão de fogo e participar de clubes de luta o percentual é de 0%. O desconhecimento sobre caçar animais silvestres em área protegida (0%) causa estranheza, bem como o baixo indicador sobre pescas em área ambiental protegida (3%) e banhar-se nos rios em área protegida ou proibida (3%).

Na opinião dos participantes os principais motivos que levam os sujeitos a se envolverem nas práticas elencadas é a necessidade de provar algo para si mesmo ou chamarem atenção de um grupo, bem como a diversão/adrenalina que a experiência proporciona. A “falta de oferta e de lugar apropriado para o entretenimento em Foz do Iguaçu” e o desejo de transgredir, por se tratar de atividades pouco convencionais ou toleradas, são mencionadas como fator motivacional, porém, em menor escala.

Gráfico 23 – Práticas desviantes na região de fronteira



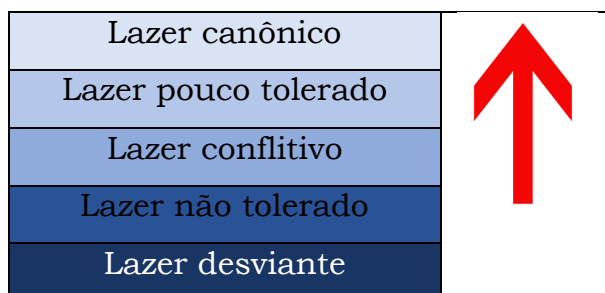
Verifica-se que a maioria dos participantes afirma desconhecer práticas pouco convencionais na região da fronteira, além daquelas que foram mencionadas no questionário fechado, que pudessem ser consideradas como lazer, embora destaquem as saunas gays, os grupos de suruba, as práticas radicais regulamentadas, o movimento de torcidas organizadas e as festas que ocorrem aos finais de semana no terminal de transporte urbano da cidade.

4. Discussões

A aplicação do questionário virtual contribui para a análise do objeto de estudo, contudo seria pretensão uniformizar as práticas de lazer desviante. Ainda assim, alguns aspectos ligam todas as práticas que constam nos gráficos.

As diferentes visões de lazer estão sintetizadas no interior de cada indivíduo, com diferentes matizes. Elas se alteram entre um ideal liberal de lazer – tolerantes às práticas endereçadas, sobretudo, a si próprios (indivíduos), em que os riscos são assumidos, não causando maiores consequências à comunidade; e um ideal conservador de lazer – por meio de práticas que podem ou causam ameaças a terceiros. Isto quer dizer que os dados trazem à superfície parte de uma realidade, que também apresentam elementos para a análise da existência de diferentes fluxos de tolerância, que oscila entre o lazer canônico e o lazer desviante.

Quadro 01: Tipologia dos níveis de tolerância no lazer



Fonte: elaborado pelos autores.

No interior desse esboço das camadas de tolerância entre a superfície do aceitável e o abissal desviante, vimos que existe uma gradação de práticas com maior ou menor rejeição entre os respondentes. É questionável, portanto, se esses dados refletem realmente e com coerência o que a população local produz em seu tempo livre e se as práticas não-toleradas estão interditas, considerando que esses discursos são provenientes de um grupo de universitários. Mesmo sabendo que a quantidade de respondentes não possui poder estatístico generalizável, o questionário virtual ajuda-nos a percebermos a necessidade premente de novos estudos exploratórios para transformar as

dimensões (de construção de novas tecnologias de subjetivação) em indicadores observáveis.

5. Considerações Finais

O lazer frequentemente está correlacionado ao lúdico, socialmente assimilado como algo positivo e saudável. No entanto, o lazer não é um dado natural, mas uma construção social, validado em termos históricos e sujeito à valoração e mudanças, segundo a moralidade no tempo e espaço. O que estamos a sinalizar são outras possibilidades de interpretar o lazer, ao considerar as representações dadas pelas culturas, ressignificado no conjunto de suas diversidades e contradições em uma região de fronteira.

A tipologia do lazer apresentada nesse estudo, canônico e desviante, destacam a diversidade e a ambiguidade de práticas que são lúdicas para certos grupos, mas que, conforme os parâmetros do comportamento e da legalidade, são vistos como formas de lazer desviante, socialmente problemáticos. A tipologia das formas anormais de lazer, criada por Rojek (mefítico, invasivo e selvagem) é uma teoria com critérios demográfica implícitos, embora ocultos. Isto quer dizer que as diferentes formas de organização social tipificam o indivíduo, o grupo e a sociedade, fatores que nos levaram a trabalhar com um sistema interpretativo mais aberto, pois trazer categorias europeias requer devido cuidado quando tratamos de uma condição particular fronteiriça em realidades latino-americanas. Nesse sentido, essa produção ocupa uma condição epistemológica que nega as narrativas lineares, pois buscou captar as flutuações sem adentrar no escopo das ideologias que permeiam as representações sobre o lazer.

Normas específicas são criadas na dinâmica do território onde elas acontecem, portanto, os fatores socioculturais precisam ser analisados e considerados nas práticas de lazer ao tipificá-lo como canônico ou desviante. Para além de deduzir a existência velada de tantas outras práticas na região de fronteira, esperamos que as reações de rejeição ou tolerância a algumas das categorias elencadas forneçam alguma direção para novos estudos empíricos no campo da sociologia do desvio e da educação.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

CATTA, Luiz Eduardo. *O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade*. Cascavel, EDUNIOESTE, 2002.

COSTA, E. T.; UVINHA, R. R. Lazer e trabalho: novos significados na sociedade contemporânea. In: MARCELLINO, N. C.; ISAYAMA, H. F. (orgs.). *Enarel: 21 anos de história*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 142-159.

ELIZALDE, R.; GOMES, C. L. Tempo livre: entendimentos enunciados por participantes de mestrados latino-americanos em lazer e recreación. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 569-591, abr./jun. 2014.

ESTANQUE, E. *O lazer e a cultura popular entre a regulação e a transgressão: um estudo de caso*, Coimbra, n. 43, p. 123-145, out. 1995.

ESTANQUE, E. Lazer, Desigualdades e Transformação Social. In: GOMES, R. M. (Org.). *Os Lugares do Lazer*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal, 2005. p. 87-104.

ESTANQUE, E. Jovens, estudantes e ‘repúblicas’: culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra. *Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra*, n. 81, p. 09-41, jun. 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Sociologia Geral*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S. (orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

PARKER, S. R. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 188 p.

PIMENTEL, G. G. A. Sobre os desvios no lazer: questões para se pensar a corrupção no lúdico. In: LARA, L. M. (org.). *As abordagens socioculturais em Educação Física*. Maringá: EDUEM, 2010a. p. 81-112.

PIMENTEL, G. G. A. Leituras pós-modernistas nos estudos do lazer. In: PIMENTEL, G. G. A. (org.). *Teorias do lazer*. Maringá: EDUEM, 2010b. p. 117-139.

ROJEK, C. *Decentring Leisure: Rethinking Leisure Theory*. London: Sage, 1995.

ROJEK, C. Deviant Leisure: The dark side of free-time activity. In: Jackson, E. L.; BURTON, T. L. (Ed.) *Leisure Studies: prospects for the twenty-first century*. Pennsylvania: Venture Publishing, 1999. p. 81-96.